

SÉRGIO VIEIRA DE MELLO: O FUNCIONÁRIO INDISPENSÁVEL DAS NAÇÕES UNIDAS

SÉRGIO VIEIRA DE MELLO: THE UNITED NATIONS INDISPENSABLE EMPLOYEE

*Andrés Ramirez**

RESUMO: este artigo sintetiza uma série de aspectos essenciais da trajetória profissional de Sérgio Vieira de Mello, enfatizando sua paixão pelo trabalho de campo e a vida dedicada a se embrenhar nas complexidades de guerras e conflitos. Como um verdadeiro prático do trabalho humanitário, Sérgio era profundamente motivado e estava convencido da necessidade de perseguir negociações de paz com todas as partes envolvidas, independentemente de fatores culturais, posições ideológicas e políticas. Este artigo busca ainda destacar sua enorme e única contribuição para as Nações Unidas, assim como sua grandeza, frustrações e erros. Mostra a personalidade forte, e ao mesmo tempo cativante, de Vieira de Mello, sua visão estratégica e extraordinária energia para avançar nas mais diversas e desafiadoras tarefas em um mundo com cada vez mais conflitos, até sua trágica morte ao lado de outros 21 colegas em Bagdá.

PALAVRAS-CHAVE: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Conflitos. Nações Unidas. Refugiados. Sérgio Vieira de Mello.

ABSTRACT: This article summarizes the essential aspects of Sérgio Vieira de Mello's professional life, stressing his passion for the field work and his lifetime dedication to delve into the complexities of war and conflicts. A truly humanitarian practitioner, Sérgio was deeply motivated and convinced of the absolute need to pursue peaceful negotiations with all parties involved, regardless of cultural, ideological and political views. The article seeks to underscore his enormous and unique contribution to the United Nations, his greatness, his frustrations and errors. It portrays Vieira de Mello's strong yet charming personality, strategic vision and extraordinary energy to carry out the most diverse and challenging tasks in the midst of an ever growing conflictive world, till his tragic death along with other 21 colleagues in Bagdad.

KEYWORDS: Conflicts. Refugees. Sérgio Vieira de Mello. United Nations. United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR).

* Representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) no Brasil desde fevereiro de 2010. Formado em Economia pela *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), com Mestrado em Sociologia Rural pela *Universidad Autónoma Chapingo* (México) e Doutorado em Economia pela UNAM. Iniciou a carreira no ACNUR em 1987 como consultor para temas agrícolas nas regiões de Campeche e Chiapas (México) em projetos com refugiados da Guatemala. Antes de chegar ao Brasil, trabalhou nos escritórios do ACNUR em Chiapas, Genebra, Nova Iorque, Costa Rica, Venezuela, Equador e Afeganistão. Também participou da operação de emergência de Ruanda, na fronteira com a Tanzânia, no ano de 1994.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que, geralmente, aqueles que se destacam em qualquer disciplina na vida começaram desde cedo a mergulhar em suas águas. Esse fato, sem dúvida, potencializa capacidades e dispara energias insuspeitas que possibilitam à pessoa ainda jovem acumular rapidamente uma vasta experiência. Claramente, a inteligência, a paixão pelo que se faz, os aspectos genéticos, o ambiente familiar, a educação, o contexto social e outros fatores influenciam significativamente na formação do indivíduo - não apenas em relação a suas habilidades e potencial intelectual, como também no que se refere a seus princípios e questões éticas. A conjunção de todos esses elementos peculiares define a identidade da pessoa e lhe confere caráter único dentro de um contexto social específico, por sua vez imerso em um universo global.

Sérgio Vieira de Mello começou sua carreira como funcionário das Nações Unidas ainda bastante jovem. Seus primeiros passos dentro da organização foram dados com apenas 21 anos, desde sempre demonstrando uma precocidade fora do comum, reunindo diversos talentos e uma firme convicção.

Filho de diplomata, desde criança viajou com muita frequência, aprendeu outros idiomas e se alimentou de novas culturas. Esses antecedentes constituíram um impulso fundamental para o desenvolvimento de sua carreira, em que muitas vezes teve de lidar com as mais diversas culturas. Sua formação em Filosofia e participação no Movimento Estudantil francês de maio de 1968 o nutriram com a dose de espírito rebelde que inevitavelmente formariam o caráter que ele tanto necessitaria em seu futuro profissional.

Sua porta de entrada para a Organização das Nações Unidas foi o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), cujo mandato incide sobre a proteção dos refugiados em geral e, mais especificamente, na cooperação com os Estados signatários da Convenção de 1951 e do Protocolo de 1967, assegurando a proteção dos refugiados. A experiência na agência possibilitou a ele beber do humanismo e pragmatismo que permeariam toda sua carreira.

Dotado de uma energia notável que impulsionava sua ânsia em participar de múltiplas missões com o ACNUR em curtos períodos de tempo, era capaz de percorrer meteoricamente as mais diversificadas operações. Quando começou no ACNUR, em 1969, mal haviam passado dois anos da entrada em vigor do Protocolo de 67 para Refugiados. Ainda repercutiam as guerras de descolonização nas montanhas e savanas da África quando, pela primeira vez, a africana Angie Brooks presidiu a Assembleia Geral das Nações Unidas,

como expressão da libertação do continente negro e da liderança feminina. Sérgio - como seus colegas sempre o chamavam - entrou no ACNUR no ano da Convenção da OUA (Organização de Unidade Africana), que marcou a normativa jurídica regional para a proteção dos refugiados. A Convenção da OUA expandiu a definição de refugiado contida na Convenção de Genebra de 1951, e foi o instrumento precursor da Declaração de Cartagena de 1984. Nesse momento histórico, o epicentro da Agência das Nações Unidas para Refugiados também acabava de se mudar da Europa para a África.

1 PRIMEIRAS MISSÕES

Sérgio começou a trabalhar no terreno desde sua entrada no ACNUR - um laboratório insubstituível onde pôde aplicar seu conhecimento teórico-filosófico à realidade concreta. Seguindo os ensinamentos kantianos, tentou realizar uma síntese do pensamento racional e do empirismo, baixando da “nuvem abstrata” para o plano objetivo da assistência humanitária, ajudando na distribuição de alimentos em Bangladesh. Com essa atividade, começou a perceber que seu amor pela filosofia era nada menos que o seu amor pela ação humanitária. Esse sentimento se fortaleceu quando foi convidado para participar de uma operação no Sudão, onde teve a oportunidade de participar diretamente do transporte aéreo de bens domésticos e alimentos para os refugiados sudaneses, repatriados após a assinatura do acordo de paz com os rebeldes do sul depois de 17 anos de guerra civil.

Pouco tempo depois, aos 33 anos, o jovem brasileiro começou a entender que nas Nações Unidas, como em muitos outros empregos, também havia espaço para a frustração. No Líbano, depois de se afastar temporariamente do ACNUR, trabalhou como assessor político do Comandante das Forças de Operação de Paz do Líbano (UNIFIL) e percebeu quão pouco as Nações Unidas podiam fazer diante dos rancores e discórdias das partes em conflito. A impotência chegou a fazê-lo se sentir envergonhado de ser funcionário da ONU. Embora a UNIFIL tenha sido criada para monitorar a retirada do exército israelense do sul do Líbano, a verdade é que nosso personagem sentiu na pele a absoluta inoperância da UNIFIL, enquanto os israelenses apostavam que sua invasão originaria a saída da Operação de Paz.

Com aquisição meteórica de notável experiência, em 1983 Vieira de Mello foi nomeado adjunto de Kofi Annan, que dirigia o Departamento de Recursos Humanos do ACNUR. Naquela época, Sérgio parecia estar disposto a ter uma carreira que combinava operações complexas de campo com cargos administrativos na sede da agência. No entanto, seu temperamento e preocupação constante em estar rapidamente onde ocorria a ação

acabaram por empurrá-lo a novos postos em lugares mais desafiadores. Sua vocação inata o levou inevitavelmente ao campo. Ali, esteve constantemente aprimorando suas qualidades mais essenciais para o brilhante desempenho de suas funções.

A importante contribuição de Vieira de Mello na repatriação de 360 mil cambojanos refugiados no Vietnã deixou uma marca permanente sobre como se deve conduzir uma operação complexa no ACNUR. A poeira da queda do Muro de Berlim mal havia assentado e o pós-Guerra Fria estava numa fase incipiente, ainda pouco compreendida. Um novo mundo unipolar parecia surgir das entranhas do velho mundo bipolar, com milhares de perguntas. A União Soviética acabava de se desmembrar. Pouco depois de assinado o Acordo de Paz de Paris pelas quatro facções cambojanas, em outubro de 1991, o Conselho de Segurança autorizou o estabelecimento de uma missão de manutenção de paz chamada "Autoridade Transitória das Nações Unidas no Camboja" (UNTAC). Sérgio foi então nomeado pela Alta Comissária do ACNUR, Sadako Ogata, como enviado especial do ACNUR e, ao mesmo tempo, para coordenar o pilar do repatriamento da UNTAC. A chave para seu sucesso foi se cercar de uma equipe altamente competente, mas não só isso - ele também sabia como dirigir, orientar e motivar as pessoas. Assim, as qualidades do carioca não se limitavam a identificar e selecionar as pessoas nas posições certas, mas em manter viva nelas a chama da paixão por aquilo que faziam. Os membros e solistas da orquestra eram virtuosos, mas sob a direção do talentoso maestro ela se convertia em brilhante, iluminada e vibrante.

2 DECISÕES POLÊMICAS

A operação que lhe foi confiada no Camboja não era fácil. Na verdade continha uma boa dose de risco, dado o alarmante número de minas terrestres e de munições por explodir (UXOs, na sigla em inglês - *unexploded ordnance*) plantadas no país, com trágicos reflexos no enorme número de amputados entre a população. Contra a opinião de muitos que enxergavam o alto risco para a população repatriada, Sérgio escolheu a ousadia. Enquanto alguns elogiaram sua determinação e segurança, outros criticaram sua atitude precipitada e imprudente.

Os “principistas” da proteção consideravam que não se podia lançar a população civil, de modo imprudente, ao perigoso terreno cambojano, repleto de campos minados. Sérgio, contudo, acreditava que não era o ACNUR que deveria decidir o destino da população, e sim as próprias pessoas. Para ele, era mais importante respeitar e apoiar a decisão da população que voluntariamente queria se repatriar do que impor a elas o ponto de

vista dos “principistas” que, em sua opinião, se escondiam sob o escudo da “proteção” para dissimular seu paternalismo.

Camboja também foi um batismo de fogo para o ousado brasileiro no que se refere a sua decisão de negociar diretamente com o Khmer Vermelho, uma vez que muitos refugiados inevitavelmente estariam se repatriando em terras localizadas no território controlado pela organização maoista radical. Para Sérgio, se as pessoas assim decidissem voluntariamente, o ACNUR apoiaria e acompanharia a repatriação de cambojanos para terras sob o controle do Khmer Vermelho. Mas para isso ele precisava de garantias de que os especialistas das Nações Unidas poderiam ter acesso livre e irrestrito aos territórios, com a finalidade de avaliar a situação quanto à saúde, água e minas terrestres. Por essa necessidade imperativa e por seu convencimento de que se deveria envolver construtivamente o Khmer Vermelho na operação, Sérgio realizou a primeira visita oficial de funcionários internacionais da ONU ao território dessa organização por muitos temida. Já para outro tipo de “principistas”, aqueles que se negavam ao diálogo com grupos rebeldes ou guerrilheiros, com o argumento de que não se podia confiar nessas organizações, Sérgio parecia muito ingênuo. A verdade é que ele tinha o pragmatismo necessário e estava determinado a realizar as tarefas a ele atribuídas.

Por outro lado, a experiência no Camboja revelou que seu trabalho o levava cada vez mais ao campo político. Sérgio navegava em mares humanitários para conseguir enxergar terras políticas no horizonte, onde estava consciente de que poderia resolver os problemas. Enquanto isso, na esfera humanitária, em geral se conseguiam apenas paliativos ao sofrimento humano, que não preveniam nem evitavam o desastre. Sérgio havia aprendido com destreza e grande habilidade como utilizar as vertentes humanitárias para alcançar um impacto político, mas sabia muito bem que esse mecanismo era limitado. Ficava cada vez mais claro para ele que os caminhos políticos poderiam ser uma ferramenta muito mais eficaz para conseguir dar respostas a todos os tipos de desafios, incluindo os humanitários.

Assim, Sérgio foi nomeado Conselheiro Político do Representante Especial do Secretário-Geral na antiga Iugoslávia. Neste cargo, Sérgio teve que enfrentar as fortes críticas contra a Força de Proteção das Nações Unidas (UNPROFOR), estabelecida pelo Conselho de Segurança para escoltar os trabalhadores humanitários com a intenção de que pudessem prestar assistência à população civil presa em meio ao sangrento conflito bósnio.

A principal missão dessa força era estabelecer uma ponte aérea humanitária para Sarajevo, que estava cercada por atiradores sérvios. Sérgio rapidamente se tornou popular entre os oficiais da UNPROFOR, já que podia falar com a maioria deles em suas diferentes línguas maternas. Apesar dos ataques dos sérvios, Sérgio manteve seu ponto de vista: se a

UNPROFOR respondesse à agressão, poderia colocar em risco a vida de milhões de pessoas. Para ele, o mais importante era conseguir salvar vidas enquanto ganhavam tempo para avançar nas negociações de paz. A chave, em sua opinião, estava na imparcialidade como estratégia para acabar com a guerra na Bósnia. Vieira de Mello foi criticado por não fazer a manutenção da paz, mas sim o monitoramento da guerra. Mas, para ele, era muito importante fazer a distinção entre a lógica da guerra e a lógica de manutenção da paz. Na verdade, como destaca corretamente Kofi Annan (2013) em seu livro "Intervenções", a ONU foi chamada para participar em operações de manutenção da paz em meio a guerras brutais, tanto em Ruanda como na Bósnia. Ou seja, em países onde não havia, na verdade, nenhuma paz para manter.

No entanto, a tenacidade e a habilidade do nosso personagem renderam alguns frutos importantes para aliviar um pouco o terrível sofrimento da população civil. Em 17 de março de 1994, após uma negociação que durou toda a noite, Sérgio conseguiu que se abrissem quatro rotas, das 9h às 14h. Os bósnios concordaram em abrir duas delas e, os sérvios, outras duas, permitindo que os civis em Sarajevo viajassem livremente pela primeira vez desde o início da guerra, em 1992.

As críticas a Sérgio durante a operação na Bósnia aumentaram à medida que se alastraram os ataques sérvios contra a população civil. A guerra na Bósnia foi o conflito mais violento e prolongado na Europa depois da Segunda Guerra Mundial, com uma duração de mais de três anos e com um saldo de cerca de 200 mil mortes de civis e militares, desalojando 1,8 milhão de pessoas. Das vítimas, 30% eram mulheres e crianças. As famosas "áreas de segurança" também mostraram sua enorme vulnerabilidade. Para o diplomata sul-americano, independentemente da ferocidade dos ataques sérvios, a UNPROFOR teria que manter a imparcialidade a todo custo. Ele não simpatizava com os bombardeios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), supostamente concebidos para proteger os civis, porque esse recurso comprometia a imparcialidade de que a ONU necessitava. Sérgio não estava convencido de que os bombardeios da OTAN se destinavam à proteção dos civis. Foi preciso ocorrer os massacres de Gorazde, Srebrenica e no mercado de Sarajevo para que os bombardeios da OTAN a alvos sérvios fossem totalmente aceitos por ele.

De fato, o próprio conceito de "áreas de segurança" que ele havia defendido mostrou uma total inoperância. É claro, no entanto, que não foi Sérgio quem criou esse conceito. Os que criticavam o brasileiro por uma imparcialidade que supostamente fazia o jogo dos sérvios não podiam negar que Vieira de Mello defendia o conceito de "áreas seguras". É interessante a reflexão de Michael Barutciski (1995) no artigo "Áreas de Segurança na Bósnia

Herzegovina: algumas reflexões e conclusões provisórias", no qual destaca que a operação da ONU na Bósnia Herzegovina foi criticada principalmente pela ineficácia desse conceito, mas muitas vezes sem levar em conta o contexto de seu surgimento e tampouco suas reais motivações. Claramente, como salienta o autor, o conceito de “áreas de segurança” surge em um contexto político altamente carregado, quando havia uma grande pressão do Conselho de Segurança para intervir em favor de uma das partes no conflito. Para Barutciski, o conceito buscava três objetivos principais:

- 1) Oferecer proteção à população civil ameaçada.
- 2) Aliviar a pressão para intervir com mais força e diretamente a favor dos muçulmanos e contra os sérvios.
- 3) Apoiar os muçulmanos ao atribuir a eles um território mínimo, antecipando a inevitável divisão da Bósnia-Herzegovina.

O autor vai ainda mais longe, mantendo a tese de que estas áreas foram declaradas para proteger certas populações muçulmanas e um partido, que compunham as forças leais ao presidente Hetbegovic. Dessa forma, quando Vieira de Mello se opunha à defesa militar da população civil, estava em plena harmonia com as resoluções 814 e 819 do Conselho de Segurança, que não atribuíam ao UNPROFOR um papel ativo de defesa militar. Isso mudaria com a resolução 836, de quatro de junho de 1993, após o massacre de Srebrenica, quando se ampliou o mandato do UNPROFOR para dissuadir os ataques contra as chamadas áreas de segurança, dando lugar à possibilidade de que o órgão se transformasse em uma força beligerante, perdendo sua imparcialidade. Esse fato, como sempre destacou Vieira de Mello, colocava em risco sua missão humanitária, de forma que essa função beligerante acabou sendo assumida pela OTAN. Foi sob essas condições que Vieira de Mello acabou, com alguma relutância, apoiando a intervenção da OTAN. Ou seja, parece muito simplista a crítica que apontava Vieira de Mello como um pró-sérvio. Ao invés disso, como um bom funcionário das Nações Unidas, ele se movia com destreza nas margens que permitiam o mandato na Bósnia, descrito nas resoluções do Conselho, esticando a corda até onde era possível. Além disso, como o próprio Kofi Annan (2013) defende, os limites eram sempre perigosos dada a ambiguidade da resolução.

Para a implantação das Áreas de Segurança era necessário um número mínimo de soldados, mas nenhum dos patrocinadores – Reino Unido, França, Rússia, Espanha e Estados Unidos, segundo descreve em suas memórias o então subsecretário do Departamento de Operações para Manutenção da Paz, da ONU (DPKO), Kofi Annan (2013, p. 93), “se ofereciam para expandir seu contingente, nem se mostravam dispostos a transferi-los para as

áreas de segurança recém-estabelecidas.”. O trabalho da ONU não era mais que o reflexo das contradições no Conselho de Segurança e Sérgio, com toda a sua habilidade, inteligência e astúcia, não podia ser mais do que uma peça nesse complexo jogo de interesses.

3 DESAFIOS NA REGIÃO DOS GRANDES LAGOS

Outra missão que marcou a brilhante carreira de Vieira de Mello foi sua nomeação por Boutros Ghali para Coordenador Humanitário da região dos Grandes Lagos da África, no âmbito do Departamento de Assuntos Humanitários (DHA), antecessor do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA). A nomeação ocorreu depois do terrível genocídio dos tutsis por milícias radicais hutus, que mais uma vez havia trazido à tona a inoperância da comunidade internacional para evitar uma catástrofe humanitária e o genocídio que estava por vir em Ruanda. Kofi Annan (2013, p.73) se refere à resolução 872 do Conselho de Segurança, aprovada em cinco de outubro de 1993, da seguinte forma:

Para que se entenda a resolução 872, foi da maior importância o clima de aversão a qualquer missão de paz de grandes proporções que imperava no Conselho à época, principalmente por parte dos Estados Unidos. A decisão sobre a criação da Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR) ocorreu poucos dias depois do desastre de Mogadíscio. Os Estados Unidos, apoiados por outros países, insistiam agora na rejeição de toda operação de paz que pudesse levar seus soldados ao uso da força e a ter de suportar as complicações e baixas decorrentes disso.

Para assegurar a conformidade com os Acordos de Arusha, que estabeleceram as condições para a formação de um governo de coalizão democrática, era necessário uma força de pelo menos de cinco mil homens. Por fim, apenas 2.500 foram enviados. Não havia nenhuma disposição para considerar o uso da força em uma missão de paz.

A queda do avião que levava os presidentes de Ruanda e Burundi foi a gota d'água para o início do massacre ante uma fraca e ineficaz UNAMIR, com a fuga em massa de centenas de milhares de refugiados. Primeiro para a Tanzânia, em abril de 1994, e em julho para a região dos Kivu, Bukavu, Uvira e Goma, no leste do então Zaire, hoje República Democrática do Congo (RDC). Sérgio ocupava o cargo de Coordenador Humanitário quando ocorreu a repatriação massiva de refugiados, em grande medida obrigados pelos Banyamulengue e pelas forças rebeldes lideradas por Kabila, que iniciava naquela região do Zaire uma rebelião que duraria nove meses, culminando em maio de 1997 com a derrubada do ditador Mobutu, apoiado pela França.

Em 14 de novembro de 1996, os rebeldes de Kabila, em aliança com o governo Tutsi de Ruanda, apoiado pelos belgas, atacaram pelo oeste e com artilharia pesada o campo de refugiados de Mugunga, o último reduto do ruandeses hutus, que acolhia meio milhão de refugiados. O ataque os forçou a fugir para o leste, rumo a Ruanda, uma vez que a saída em direção ao oeste estava impedida pela própria artilharia dos rebeldes. Nesse mesmo dia, o Conselho de Segurança autorizou o envio de uma força multinacional de curta duração, pois o mesmo Conselho viria a desfazê-la em 23 de dezembro. Ao fazer um acompanhamento por satélite dos refugiados que fugiam para o oeste, abrigados na selva do Zaire, os americanos criticaram fortemente o ACNUR. Eles supunham que a Agência da ONU para Refugiados teria inflado os números e não havia conseguido separar a população civil dos intimidadores.

Mais polêmico ainda foi o repatriamento organizado pelo lado da Tanzânia, sob pressão do governo e apesar da forte oposição de Dennis McNamara, então Diretor da Divisão de Proteção Internacional do ACNUR. Sérgio Vieira de Mello aceitou os argumentos das autoridades da Tanzânia para repatriar os refugiados, assinando em cinco de dezembro de 1996 uma declaração conjunta com o Governo desse país, instando a população a se repatriar, mesmo com as enormes preocupações relativas à segurança dos refugiados. Por outro lado, esse comunicado não lhes informava que a repatriação deveria ser voluntária, nem que qualquer indivíduo que tivesse temor de perseguição em Ruanda teria todo o direito de permanecer na Tanzânia. O mais terrível é que a repatriação não foi nem tranquila nem organizada, mas sim realizada à ponta de baionetas e fuzis AK-47, empunhados por dez mil soldados.

Não havia dúvida: estava ocorrendo uma repatriação forçada com o consentimento do ACNUR, sem o mínimo respeito à dignidade humana. Esse foi, talvez, um dos momentos de maior debilidade na brilhante carreira de Sérgio. Para McNamara, Sérgio havia assumido o lado do poder. No entanto, ele não estava sozinho e teve o apoio da Alta Comissária, que havia cedido à pressão do governo da Tanzânia e dos Estados Unidos para que o ACNUR colaborasse com essa repatriação.

Assim como havia agido no caso da repatriação dos cambojanos anos atrás, para Sérgio se tratava, mais uma vez, de um decidido pragmatismo em vista da determinada atitude das autoridades da Tanzânia em enviar refugiados ruandeses de volta ao seu país. Mais uma vez, o pragmatismo de Sérgio se chocava contra o principismo dos paladinos da Proteção. A diferença é que, no caso do Camboja, Vieira de Mello exercia o argumento muito válido de que era necessário seguir as pessoas, enquanto no caso ruandês a opinião dos refugiados não parece ter sido levada muito em conta. O paradoxo é que, naquela época, pouco antes de

assumir o novo cargo oferecido pelo secretário-geral Kofi Annan como Subsecretário para os Assuntos Humanitários em Nova York, Sérgio teria dito, conforme afirmou Fabrício Hoscschild (2013):

A ONU precisa ser mais determinada a tomar partido, em especial onde há flagrantes abusos de direitos humanos: neutralidade e imparcialidade, parafraseando Hammarskjold, não significam julgar todas as partes da mesma forma, equiparando as vítimas com os agressores, mas elevar os princípios estabelecidos na Carta das Nações Unidas e outros instrumentos internacionais. Em alguns casos, isso pode e deve significar advogar contra uma ou outra parte de um conflito.

Não há dúvidas de que Sérgio imprimiu uma dinâmica diferente ao OCHA, que substituía o antigo DHA. Apesar das inevitáveis críticas que as agências operacionais continuavam fazendo à Instância de Coordenação Humanitária da ONU, nós, que trabalhamos próximos a Sérgio no período em que ele chefiou esse importante departamento (de 1997 a 1999, em Nova York) observamos sua grande capacidade de liderança, suas elevadas qualidades diplomáticas, sua atitude respeitosa e amigável e seu incansável interesse em ouvir os outros com muita atenção e conhecimento. Sua presença elegante e entusiasta e seu discurso firme, sem sinais de arrogância, conferiram-lhe grande autoridade não por sua hierarquia, mas sim pelo seu caráter, inteligência e, especialmente, por sua vasta experiência de campo. Por isso sempre dizia aos jovens da equipe, conforme citado por Samantha Power (2010, p. 222): "Estejam no campo, isso sim. Foi ali que construí minha carreira. Isso é o que é e nada mais importa."

De fato, essa ânsia constante por não perder contato com o campo logo o levou a deixar a sede. Parecia que, para ele, estar na sede era como a necessidade do peixe de subir à superfície para conseguir um pouco de oxigênio. Mas, depois de um tempo, ele precisava mergulhar novamente nas profundezas do mar, que ele relacionava ao campo – onde se sentia em seu habitat natural.

4 A CONSTRUÇÃO DO FUTURO DE KOSOVO

Desta vez, Sérgio foi nomeado pelo Secretário-Geral como seu Representante Especial em Kosovo. Em outubro de 1998, o Conselho de Segurança aprovou uma resolução que determinava aos sérvios o fim dos ataques à etnia albanesa em Kosovo. Para tanto, autorizou o envio de observadores internacionais e pediu ao Secretário-Geral o envio a Kosovo de uma missão das Nações Unidas para verificar se as tropas sérvias realmente haviam recuado ao seu quartel. Ao longo de toda a pequena província de apenas 10 mil km² atuavam monitores civis desarmados da Organização para Segurança e Cooperação na Europa

(OSCE, na sigla em inglês). Nós que participamos da missão que viajou toda a província em um dia, incluindo reuniões com os chefes dos escritórios do ACNUR - ainda em construção e sem o pessoal necessário - nas principais cidades do país, percebemos que se tratava de uma farsa: a retirada das tropas sérvias era uma mera simulação, e a qualquer momento poderiam atacar novamente os albaneses com toda a fúria. Sabíamos que trazer esses monitores desarmados era resultado de um acordo secreto entre Milosevic e Holbrooke, velhos conhecidos dos Acordos de Dayton de 1995. Embora ninguém soubesse exatamente em que constituía o pacto, não existia otimismo a seu respeito. Sabia-se que Kosovo era a menina dos olhos de Milosevic desde seu veemente discurso em defesa dos direitos sagrados dos sérvios em Kosovo, em abril de 1987. Em sua breve história sobre o Kosovo, o historiador Noel Malcolm (1998, p. 342) afirma: "A partir daquele dia, sua natureza como político mudou: era como se uma nova e poderosa droga houvesse entrado em suas veias." (Tradução livre). Desde então, Milosevic explorou o tema de Kosovo e se transformou em um líder nacional. Seria difícil abandonar a ferramenta Kosovo, que tantos dividendos políticos lhe haviam proporcionado.

Em fevereiro de 1999, diplomatas dos EUA, Europa e Rússia convocaram as partes para conduzir negociações em Rambouillet, na França, com base em um plano segundo o qual Kosovo se manteria como uma província da Sérvia, mas com níveis sem precedentes de autonomia. Havia ceticismo de todo o mundo, a ponto de, enquanto se desenvolviam as negociações do acordo, os sérvios se retirarem da mesa e 40 mil tropas sérvias se lançarem em uma poderosa ofensiva contra Kosovo. Holbrooke advertiu o então líder sérvio Slobodan Milosevic que, se não aceitasse o acordo de Rambouillet, a OTAN começaria a bombardear a Sérvia. A guerra estava declarada, embora Javier Solana, secretário-geral da guerra da OTAN, se recusasse a chamar ataques aéreos de “guerra”, porque eles não estavam aprovados pelo Conselho de Segurança. A verdade é que a ofensiva na Sérvia originou a fuga em massa dos albaneses, do Kosovo para a Albânia e para a antiga República da Macedônia, e de deslocados internos em direção a Montenegro em número muito maior do que o previsto pelo ACNUR em seus planos de contingência. Os países da OTAN fizeram uma grande propaganda alegando que se tratava de uma intervenção humanitária e correram para mostrar suas bandeiras para refletores de televisão em áreas de recepção de milhares de refugiados, especialmente na Albânia. A resposta do ACNUR foi lenta ante a furiosa investida sérvia, forçando a saída prematura e massiva de famílias inteiras. Enquanto isso, a OTAN lançava uma chuva de bombas em Belgrado, causando várias mortes de civis como resultado dos eufemisticamente chamados “danos colaterais”.

Os sérvios, no entanto, não se rendiam. Os russos conseguiram pressionar por um cessar-fogo, propondo que, em vez da OTAN, a ONU desempenhasse um papel dominante na transição pós-guerra. Sérgio encontrou a fórmula para posicionar as Nações Unidas, responsabilizando-se pelo aspecto humanitário da transição pós-guerra e liderando uma equipe internacional dentro do Kosovo para desenvolver uma missão de avaliação e informação em primeira mão ao Conselho de Segurança. Finalmente, depois de 12.500 bombardeios e tendo claro que a OTAN e a ONU finalmente haviam conseguido construir uma frente unida, Milosevic se rendeu. O corolário natural foi a Resolução do Conselho de Segurança 1244, que pediu ao Secretário-Geral a nomeação de um Representante Especial no Kosovo como Administrador de Transição.

Essa pessoa seria responsável pela administração civil e reconstrução (via União Europeia), pelos aspectos humanitários (via ACNUR) e pela Construção Institucional (via OSCE). O administrador deveria trabalhar com a OTAN, que enviaria 50 mil tropas de manutenção da paz. A nomeação de Sérgio não foi surpresa para ninguém. Tudo acontecia vertiginosamente: em meados de junho, Sérgio já estava no campo com sua equipe básica montada, à espera das ondas de repatriação em massa. Em 25 de junho já tinham sido repatriados mais de 650 mil refugiados. O trabalho de Sérgio era grande; por isso, sob a sua responsabilidade, estaria a supervisão geral de tudo, menos da OTAN. Sérgio esteve ali apenas um mês. Sua tarefa mais importante neste curto período foi a criação do Conselho de Transição, composto por representantes de todos os grupos étnicos.

A formação do Conselho não foi fácil. Havia expectativa do Exército de Libertação do Kosovo (KLA) para governar a província, uma vez que era considerada a principal força kosovar na luta pela independência e tinha recursos e pessoal suficientes para toda a província. Enquanto isso, à frente da oposição, Ibrahim Rugova – que fundou o movimento pacifista do Kosovo ao retornar do exílio –, se sentia com autoridade e mérito suficientes para se estabelecer como o legítimo Presidente da Província. Para Sérgio, a coisa era clara: ninguém poderia se proclamar presidente até que houvesse eleições livres. Aparentemente, apesar das frustrações decorrentes da intensa luta entre os próprios kosovares albaneses, como Samantha Power (2010) conta, o que mais ressentiu Vieira de Mello foi descobrir que não seria o Administrador Permanente de Kosovo.

Os europeus decidiram financiar a reconstrução do Kosovo com US\$ 1,5 bilhão e, como esperado, queriam um diretor europeu à frente da província. Em dois de julho, Kofi Annan anunciou a nomeação de Bernard Kouchner, ex-ministro da Saúde francês e fundador

dos Médicos Sem Fronteiras. Poucos dias depois, em 15 de julho, ele foi recebido por Sérgio no aeroporto de Pristina como novo Representante Especial do Secretário-Geral.

5 TRANSIÇÃO PACÍFICA NO TIMOR LESTE

O incansável carioca não queria ficar quieto, nem o deixavam tranquilo no 36º andar do Secretariado das Nações Unidas em Manhattan, onde estavam os escritórios do Subsecretário de Assuntos Humanitários. Menos de quatro meses após seu retorno dos Bálcãs, em oito de novembro, Sérgio fez as malas mais uma vez – agora em direção ao Timor Leste e à frente de uma autoridade transitória. A resolução 1272 do Conselho de Segurança concedia um mandato às Nações Unidas para assumir o comando de um governo de transição, estabelecendo a Administração Transitória das Nações Unidas em Timor Leste (UNTAET). O povo de Timor Leste acabava de ganhar um referendo com quase 80% de votos a favor da independência da parte oriental da ilha. No entanto, milícias apoiadas pelo exército e pela polícia da Indonésia reagiram violentamente, massacrando centenas de timorenses. Ante esses acontecimentos, o Conselho de Segurança enviou uma força multinacional (INTERFET) de 11.500 homens, sob o comando da Austrália, com o objetivo de parar o massacre. Depois da derrota dos indonésios também no plano militar, a pequena ilha estava devastada e precisava de ajuda externa. O líder da resistência, Xanana Gusmão – herói nacional, poeta e revolucionário submetido à prisão pelos indonésios desde 1993 –, foi chamado para ser o presidente da nação recém-independente, mas precisou aceitar, resignado, a resolução 1272. Ela parecia um decalque da resolução 1244 para o Kosovo e não havia dúvida de que o homem ideal para realizá-la era novamente Sérgio. Sem deixar seu cargo na OCHA, Vieira de Mello pensou que só trabalharia seis meses à frente da UNAMET (Missão das Nações Unidas em Timor-Leste, na sigla em inglês). No entanto, terminou sendo responsável ao longo de dois anos e meio. Nunca antes ou depois um subsecretário da ONU para Assuntos Humanitários atuaria muito mais tempo em campo do que na sede. O principal desafio para o experiente diplomata sul-americano era colocar em prática e com sucesso o plano de partilha do poder com os timorenses, garantindo-lhes simultaneamente segurança econômica e física no dia a dia.

A fina habilidade que nosso personagem praticava cotidianamente consistia em respeitar a autoridade de Gusmão sem reconhecê-la formalmente. Ele ganhou a simpatia das pessoas aprendendo tétum, a língua local, que em parte era mais fácil para ele por ter muitas palavras emprestadas do português. Como destacou por muitos anos o chanceler do Timor

Leste no exílio, Ramos Horta, Vieira de Mello ganhou a confiança e a simpatia de todos os líderes comunitários, da igreja e dos setores em geral. Sérgio estava bastante consciente do sofrimento do povo timorense mergulhado na pobreza e lhe parecia um escândalo que enquanto o orçamento da UNAMET fosse de US\$ 692 milhões, o orçamento para todo o Timor Leste mal chegava à cifra de US\$ 59 milhões. Ou seja: *nem 10% do da UNAMET*.

Sérgio sabia que teria de acelerar o processo de *timorização*. Gusmão e seu partido também perceberam esta necessidade. Hoje, dez anos depois de sua morte, isso também é reconhecido pelo presidente do Timor Leste e Prêmio Nobel da Paz, Ramos Horta. Em recente evento em homenagem a Vieira de Mello, organizado pelo Itamaraty e pelas Nações Unidas no Rio de Janeiro, Horta explicou que somente uma figura como Sérgio Vieira de Mello poderia ter força suficiente para conseguir o recrutamento da operação de paz com a agilidade necessária. No entanto, a tarefa não seria realizada em um mar de rosas. Gusmão alegou que não havia um cronograma claro para a retirada dos estrangeiros do Timor Leste, como era questionado pelo povo timorense. Sérgio propôs então uma data para o sonhado dia em que a independência do Timor entraria em vigor.

Em agosto de 2001 uma Assembleia Constituinte composta por 80 membros seria eleita para desenvolver e adotar uma Constituição em 90 dias, definindo a data da eleição presidencial. Até meados de setembro, Vieira de Mello havia formado um novo gabinete composto apenas por timorenses. Como disse recentemente Sadako Ogata (2013), Alta Comissária para os Refugiados entre 1991 a 2001: "Eu o identificava como um trabalhador de campo. Ele sempre buscava soluções.". Kofi Annan (2013, p. 146) sabia muito bem disso e sentiu orgulho do que foi alcançado pela ONU no Timor Leste:

Tínhamos honrado a palavra dada ao povo do Timor Leste; nos momentos de maior perigo, ficamos ao seu lado por meio de uma campanha diplomática que obteve o consentimento da Indonésia e o apoio da comunidade internacional; interrompemos o massacre, os saques e os incêndios; e levamos o país, então à beira do colapso, para o caminho da autodeterminação. O preço disso, para o povo timorense, foi altíssimo. Mas num mundo em que poucas vezes são atendidas as justas demandas de uma população que exige segurança e autodeterminação, tínhamos conquistado uma rara vitória.

Em 21 de maio de 2002, satisfeito com a importante conquista alcançada, Sérgio deixava as terras timorenses e, dois meses depois, Kofi Annan lhe ofereceu o cargo de Alto Comissário para os Direitos Humanos. No ano anterior, ele havia sido um forte candidato à sucessão de Sadako Ogata como Alto Comissário para Refugiados, posto que foi entregue a Rud Lubbers, ex-primeiro-ministro da Holanda, que tinha o grande desafio de dirigir uma organização onde dificilmente conseguiria manter sua característica simpatia com todas as

partes. O ministro não se sentia um defensor típico dos Direitos Humanos, embora fosse um grande defensor do direito das pessoas, algo que marcou seu estilo e sua vida. Naquela época, o Alto Comissariado tinha o orçamento bastante baixo, de apenas 66 milhões de dólares. Desde que chegou ao escritório em Genebra, Sérgio percebeu que a grande maioria do pessoal sempre havia trabalhado na sede e não tinha pisado no campo. Por isso, para ele foi vital o desenvolvimento de um sistema de rotação de Genebra ao campo, para que os funcionários pudessem absorver a realidade de violação dos direitos humanos onde isto realmente acontecia, e não apenas em um nível teórico a partir da ferrugem burocrática de suas mesas na sede. No entanto, haveria de ser ele mesmo quem, como sempre aconteceu ao longo de sua carreira, não duraria muito tempo nas terras genebrinas. Desta vez, porém, por estranho que pareça, deixou a sede a contragosto.

6 IRAQUE: A ÚLTIMA MISSÃO

A eclosão da guerra liderada pelos Estados Unidos contra o Iraque, em 20 de março de 2003, em condições marcadas por ilegalidade e ilegitimidade e em desrespeito ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, suscitou uma clara condenação internacional. No entanto, conscientes da necessidade de legitimar o ataque, dois meses depois, em 22 de maio, os Estados Unidos conseguiram convencer os outros membros do Conselho de Segurança a adotar a resolução 1483. Para isso, tiveram o copatrocinio de aliados britânicos e espanhóis. A resolução concedia à ONU um papel importante em três aspectos: Humanitário, Reconstrução e Desenvolvimento Institucional. Reconhecia as responsabilidades dos EUA e Grã-Bretanha como potências ocupantes e pedia ao Secretário-Geral para nomear um Representante Especial para o Iraque. Apesar das duras críticas que a resolução gerou dentro das Nações Unidas, na verdade era vista como importante por Kofi Annan (2013, p. 421-2):

O que determinei nos dias após a invasão, depois de muito pensar, foi que tínhamos um dever para com o povo do Iraque que ia além dos sentimentos de traição ou desaprovação que qualquer um de nós pudesse experimentar. Os iraquianos precisavam da nossa ajuda e, como Nações Unidas, tínhamos a obrigação de prestá-la. Não seria realista nem desejável que nos esquivássemos do cumprimento de nosso papel numa arena pós-conflito tão complexa e de tão graves consequências.

Em cumprimento à resolução 1483, o Secretário-Geral pediu novamente a Sérgio para ser seu Representante Especial. Pela primeira vez em mais de 30 anos de carreira na ONU, nosso personagem tinha decidido pensar na sua vida pessoal e desejava permanecer em Genebra. Além disso, estava ciente da enorme responsabilidade que tinha adquirido

recentemente como Alto Comissário de Direitos Humanos. Por fim aceitou a oferta, com o entendimento de que sua missão no Iraque se estenderia por um máximo de quatro meses. Sérgio chegou a Bagdá em três de junho e dedicou suas primeiras semanas a viajar intensamente pelo país ocupado, dialogando com os diversos setores e grupos étnicos da complexa sociedade iraquiana de tradições ancestrais. Ele queria entender seus problemas, sentimentos e aspirações antes de dar início à complicada tarefa prática de avançar na construção das instituições e na administração interina, com suas múltiplas tarefas humanitárias de Direitos Humanos e Reconstrução exigidas pela resolução. Tudo isso em coordenação com as forças de ocupação em condições altamente complexas, tendo que se mostrar independente e até mesmo distante dela, dada a crescente onda de resistência do povo iraquiano contra a ocupação.

Vieira de Mello era muito consciente de que seu papel no Iraque era muito mais complicado do que na Bósnia-Herzegovina, onde a UNPROFOR jogava claramente um papel humanitário, apesar de suas debilidades e passividade, e não era propriamente vista como inimigo por nenhuma das partes do conflito. Da mesma forma, a situação do Iraque não era comparável à da Missão de Administração Interina das Nações Unidas no Kosovo (UNMIK, na sigla em inglês), onde, apesar da enorme desconfiança e complexidades interétnicas, não era visto pela maioria kosovar como uma força aliada aos ocupantes - especialmente porque ali a força multinacional da OTAN jogava principalmente um papel de manutenção da paz. Nem tampouco se poderia equiparar com a UNAMET em lugares onde as Nações Unidas haviam claramente colaborado de maneira inquestionável em tornar efetiva a vontade popular da independência timorense e ajudar na transição da gestão política de um país recém-nascido. No Iraque, por mais que Vieira de Mello se esforçasse para se distanciar dos ocupantes, era claro que a mesma resolução de 1483 o obrigava a trabalhar em conjunto com eles, e isso era bem conhecido pela resistência e pelos grupos terroristas em atividade no país.

Com o dinamismo e a determinação que o caracterizavam, Vieira de Mello assumiu a tarefa de formar um Conselho Governante junto com Bremer, diretor da Reconstrução e Assistência Humanitária da Coalizão Ocupante, concedendo ao órgão a maior representatividade e responsabilidade possíveis, com ênfase em garantir uma significativa participação sunita. De qualquer forma, para a resistência esse conselho era um fantoche dos ocupantes. E, por outra parte, Sérgio teria que conviver com a frustração de que, em termos práticos, a ONU era um jogador menor diante dos ocupantes, que eram os que realmente mandavam.

Não por acaso, pouco antes do ataque ao Hotel Canal de Bagdá, onde operavam as Nações Unidas, Sérgio começava a se sentir vulnerável. Ele estava convencido que, por mais que se houvesse adotado a resolução legitimando formalmente a ocupação, ela nunca seria legítima. Alguns dias antes do ataque escreveu, conforme mencionado por Samantha Power (2010, p. 47 e p. 448):

No pouco tempo que estou no Iraque, sou testemunha da realidade da ocupação. Cheguei a questionar se este estado de coisas pode alguma vez ser verdadeiramente legítimo. Certamente, a ocupação pode ser apoiada legalmente e pode ser realizada de forma benigna, com base apenas em boas intenções. Mas moralmente e na prática, duvido que algum dia será legítima: seu tempo, se alguma vez o teve, já passou. (Tradução livre)

Em 19 de agosto de 2003, apenas dois meses e meio após a chegada de Vieira de Mello no Iraque, um atentado cometido com um caminhão-bomba, posicionado pouco abaixo de onde estava o escritório de Sérgio e no momento em que ele estava em reunião, acabou com sua vida e de 22 funcionários da ONU. Ainda agonizante, perguntava por seus colegas. Assim terminou sua missão com as Nações Unidas: preocupado com sua equipe até que seu grande coração parasse de bater.

REFERÊNCIAS

- BARUTCISKI, Michael. Safe areas in Bosnia-Herzegovina: some reflections and tentative conclusions. *Refuge: Canada's periodical on refugees*. Vol. 14, No 10. Toronto: Centre for Refugee Studies, 1995. Disponível em: <<http://goo.gl/eXMfVN>>. Acesso em: 29 out. 2013.
- CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS. *Resoluções* n. 836, 872, 1244, 1272 e 1483. Disponível em: <<http://www.un.org/en/sc/documents/resolutions/>>. Acesso em: 29 out. 2013.
- HORTA, Ramos. *Os 10 anos da morte de Sérgio Vieira de Mello*. Rio de Janeiro, 19 ago. 2013. Discurso proferido em evento organizado pelo MRE e Nações Unidas.
- HOSCSHILD, Fabricio. *Os 10 anos da morte de Sérgio Vieira de Mello*. Rio de Janeiro, 19 ago. 2013. Discurso proferido em evento organizado pelo MRE e Nações Unidas.
- MALCOM, Noel. *Kosovo: A short history*. New York: New York University Press, 1998.
- MAZRUI, Ali A. *História geral da África*. v.8. África desde 1935, Brasília: UNESCO, 2010.
- MOUSAVIZADEH, Nader e ANNAN, Kofi. *Intervenções - uma vida de guerra e paz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- OGATA, Sadako. *Os 10 anos da morte de Sérgio Vieira de Mello*. Rio de Janeiro, 19 ago. 2013. Discurso proferido em evento organizado pelo MRE e Nações Unidas.

POWER, Samantha. *Sérgio: one man's fight to save the world*. London: Penguin Books, 2010.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. *The state of the world's refugees: in search of solidarity*. London: Oxford University Press, 2012. (Relatório)

SÉRGIO VIEIRA DE MELLO: THE UNITED NATIONS INDISPENSABLE EMPLOYEE

ABSTRACT: This article summarizes the essential aspects of Sérgio Vieira de Mello's professional life, stressing his passion for the field work and his lifetime dedication to delve into the complexities of war and conflicts. A truly humanitarian practitioner, Sérgio was deeply motivated and convinced of the absolute need to pursue peaceful negotiations with all parties involved, regardless of cultural, ideological and political views. The article seeks to underscore his enormous and unique contribution to the United Nations, his greatness, his frustrations and errors. It portrays Vieira de Mello's strong yet charming personality, strategic vision and extraordinary energy to carry out the most diverse and challenging tasks in the midst of an ever growing conflictive world, till his tragic death along with other 21 colleagues in Bagdad.

KEYWORDS: Conflicts. Refugees. Sérgio Vieira de Mello. United Nations. United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR).

Recebido: 22 de outubro de 2013

Aprovado: 17 de abril de 2014